João Gago da Câmara

Paralelo 38
A ilha também chora buganvílias

"A ilha não é tão só esse paraíso conjeturado, esse andor florido, esse cheiro intenso a macela. Ela é também remota cidadela em cerco permanente de água, muralhada de vento"

Na melancolia e no desalento de tempos de pandemia, todos os dias nascem iguais por estas bandas, notando-se apenas que vão ficando um pouco mais mornos neste mês de junho que quase acaba e parece eterno. São duzentas e cinquenta mil almas, longe de qualquer continente e delas próprias, porque espalhadas por nove pequenas parcelas de terra, as ilhas, semeadas no mar do norte, distantes dos de fora, mas o único chão para quem está dentro.

Os nevoeiros intensos, que ultimamente cobrem os Açores, o sereno de S. João, costumeiros deste mês, emudecem os que cá estão, ou pior, cegam os passos e cegam o olhar ansioso do longe, do próprio horizonte, do mundo ou do futuro. Gente infeliz sem lágrimas. Até o mar, por estes dias cinzentão, deixa de fazer sentido, deixa de ser ligação; é mais indignação no apartamento imposto. E o verde, até o verde que invade, perde força, triste, amuado. Uma asneira da natureza. E o preto rochoso-carvão, que é o mate da ilha, que a inunda em mistérios, transmuda-se, crosta negra cravada na terra. Não é mais encanto. Xaile negro. É vulcânica catástrofe. O embater das marés brancas contra a resistência das escarpas não é mais renda de bilro atirada ao ar a empratar a ilha no mar; é revolta, fúria, frustração. A ilha não é tão só esse paraíso conjeturado, esse andor florido, esse cheiro intenso a macela. Ela é também remota cidadela em cerco permanente de água, muralhada de vento.

Olho o exterior através das bandas de fora da janela entreaberta e vejo entre as ripas das gelosias a latada de buganvília chorando amarelo para o chão. O vento noturno, que predomina de sudoeste e que corta que nem lâmina, voltou a afirmar-se e um tapete de flores mortas cobre a sombra da latada. Os pássaros não chilreiam. Os cães não ladram. Estaremos surdos? Não, é mesmo assim. Às vezes a ilha cala-se rendida à banda sonora do vento, rei e senhor nestas paragens, amante da chuva, muito presente em junho, miudinha como grão de farinha transparente. E o estar longe do restante Portugal continental faz-nos, amiúde, não mais que isto. Um aqui.

Hoje, há amarelo a mais no chão. A ilha chorando buganvílias, mergulhada em vento e nevoeiro, que é chuva por vir. Quase nada.

João Pedro Partidário

Afinal, há mesmo um restaurante no céu!

Fui um dos muitos cidadãos portugueses que se sujeitou à quarentena na chegada à ilha de São Miguel. Honestamente, fi-lo em consciência e sabendo ao que ia.

Quando em Maio de 2019 marquei passagem, estávamos ainda muito longe de imaginar o que nos esperava, pelo que encarei a circunstância como um desafio para o qual estaria eventualmente destinado.

Devo dizer que, não obstante a frustração de ter de me cingir a quatro paredes de um quarto numa terra onde as maravilhas naturais (passe o exagero!) são quase tantas quanto o número de habitantes, nunca me senti discriminado ou mal tratado. Ofereceram-me conforto, boa comida, demonstraram operacionalidade na gestão de todo o processo burocrático, e, acima de tudo - ao contrário do que por aí ouvi dizer - , tiveram sempre o cuidado de me manter informado. Cabe-me portanto, com toda a justiça, deixar às autoridades regionais o meu elogio/agradecimento público.

Quarentena feita pude então aventurar-me - com as devidas precauções e deliberadas restrições - por alguns dos "postais" que só acreditamos vendo. Entre eles, claro está, as Sete Cidades.

Era um ensejo antigo visitar aquele prodigioso presépio, mas nunca pensei que a conjuntura desfavorável acrescentasse ao advento contornos ainda mais épicos... de difícil transcrição.

Passei pelo "Hotel Assombrado" às 16:32 - olhei para o relógio nesse preciso momento - e parei o carro entre um pequeno aglomerado de árvores. Sexta-feira. Dirigi-me aonde se dirigiu o Rei Dom Carlos e a Raínha Dona Amélia a 6 de Julho de 1901, e tive então a certeza de que, se o preço a pagar para assistir tamanho espectáculo fosse uma ainda maior reclusão, tê-lo-ia pago.

Já corri mundo, visitei algumas das mais estonteantes criações do divino, mas não me lembro de sensação mais arrebatadora que a que senti ao vislumbrar as Lagoas Verde e Azul. É algo que, sob aquele "silêncio pandémico", assume contornos apocalípticos.

Talvez estimulado por esse choque de transcendência, continuei a pé. Fui andando, observando, inspirando, entrando numa espécie de mundo paralelo, onde o verde é tudo e tudo nada senão verde.

Chegado ao chão das Lagoas - e cuidado porque a viagem do céu à terra ainda é longa - , entrei Vila adentro. Pessoas - poucas - lançavam-me, envolto impressivos Xailes Negros, o olhar da desconfiança, do medo que lhes disseram para ter. Porque é tempo de ter medo, mesmo que não haja medo para ter.

Resta, naquele pedaço de terra, naquela aldeia mágica, um substrato de eternidade que não aprendeu o fim. A escola, vazia (!), a Igreja, fechada (!), as ruas, desertas (!), os ruídos, "desligados" (!) ... viv´alma !

Até que, ao longe, quando regressar à base - pelo adiantado da hora - era já apelo da sensatez, vislumbro um vulto, qualquer coisa entre o "Titanic" e a "Arca de Noé", entre a lenda do amor e a salvação da espécie. Aproximei-me. Senti-me um viajante no tempo.

Olhei pelos vidros, já lusco-fusco. Era um restaurante. Mas entendamo-nos : não um bocado de cimento com telhas em cima, uma construção rude a sinalizar presença humana. Estou mesmo convencido que não foi construído, foi plantado. Plantaram-no lado a lado com as lagoas, dentro do vulcão, e, eventualmente, foi crescendo.

"Afinal, há um restaurante no céu!" - pensei eu abismado. Por breves instantes, fechei os olhos e respirei. Se já não estivesse vivo, teria pelo menos onde comer.

Fiz então o caminho de regresso ao carro, onde cheguei já noite cerrada. Precisava de uma boa noite de sono, se o sono já não ma estivesse a dar, porque não era certo que não fizesse tudo parte de um sonho.

Sábado acordou cinzento em Ponta Delgada. Sentei-me à sempre farta mesa de quem com amizade me acolheu, e contei-lhe o que tinha vivenciado. Perguntei-lhe se era tudo verdade ou uma espécie de realidade virtual, de "turismo matrix" em que nem os próprios intervenientes se davam conta da ilusão. Descansou-me.

A Vista do Rei era mesmo real. A escola, vazia (!), a Igreja, fechada (!), as ruas, desertas (!), os ruídos, "desligados" (!), também ... não tinha sonhado.

Até o vulto, que se confirmou ser um restaurante chamado "Green Love", era verdade, pelo que se conclui, por fim, que há mesmo um restaurante no céu !